

Suely Regina Silva dos Santos

**O MEDIADOR DE LEITURA E SEU PAPEL COMO FORMADOR DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**LASEB**  
**CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Suely Regina Silva dos Santos

**O MEDIADOR DE LEITURA E SEU PAPEL COMO FORMADOR DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Letramento e Alfabetização pelo Curso de Pós- Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Carlos Augusto Novais

Belo Horizonte

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**LASEB**

**CURSO: PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Suely Regina Silva dos Santos

**O MEDIADOR DE LEITURA E SEU PAPEL COMO FORMADOR DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Carlos Augusto Novais

Aprovado em \_\_\_\_ de Maio de 2015.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Carlos Augusto Novais – Faculdade de Educação da UFMG

---

Fernanda Rohlfs

Há pouco mais de um ano, comecei a conhecer a Palavra de Deus. Antes, eu ouvia. Hoje, conhecê-la me obriga a refletir diante da grandeza dos ensinamentos trazidos ali e do quanto podemos nos criticar, construtivamente, para tornarmos-nos pessoas que devem buscar melhorar a cada dia. Diante da grandeza do que é esta descoberta, dedico meu trabalho a Deus.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a Deus por me fazer reconhecer, com humildade, que fui amparada cada dia de minha existência, mesmo sem perceber e, só e principalmente por isto, que pude realizar mais este sonho ao lado de meus dois filhos, presença incentivadora todos os dias. Em especial, agradeço às companheiras de curso pela cooperação, principalmente nas dificuldades e pelo incentivo, nas minhas certezas, pessoas sem as quais, eu não conseguiria chegar até aqui. Aos professores, pela troca de experiências e parceria, tornando este caminho menos árduo. Enfim, ficou fácil, mais uma obrigação foi cumprida.

### *A primeira lição*

Raul não sabe ler;  
É um traquinas, que vive toda a hora  
Pela campina em fora  
A correr, a correr...  
Desde pela manhã,  
Salta do leito em fraldas de camisa,  
E por tudo desliza Numa alegria sã.  
Nada de livros, não;  
Para ele a campina, os passarinhos,  
Os assaltos aos ninhos,  
A pesca ao ribeirão (...)  
Mas, um dia, ele viu  
A irmãzita no livro debruçada,  
E o som de uma risada  
O ouvido lhe feriu.  
Que teria, meu Deus!  
Aquele grande livro tão pesado,  
Ali dentro guardado,  
Longe dos olhos seus? (...)  
Mas a irmã, tal e qual  
Uma bondosa mãe ao filho amado,  
Fê-lo assentar-se ao lado  
E explicou-lhe o seu mal.  
E com tanta razão  
Que, abrindo atento o livro misterioso,  
Raul pediu, ansioso,  
A primeira lição.

**Zalina Rolim**

## RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de um Plano de Ação que teve por objetivo fornecer ao aluno um conhecimento amplo da importância da leitura, por meio de ações mediadas pelos educadores inseridos em seu âmbito escolar, principalmente o auxiliar de biblioteca. Para tanto, inicialmente, foi criado um projeto a ser aplicado numa turma de 4º Ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Belo Horizonte. Depois foi realizada uma pesquisa bibliográfica buscando uma fundamentação teórica sobre o tema. Assim, foram apresentadas algumas concepções acerca da mediação de leitura através de colocações de alguns estudiosos desta temática, destacando Neusa Dias Macedo (2005), Isabel Solé (1998), Renata Junqueira de Souza (2009), e Rovilson José da Silva (2009). Apresentou-se a Escola e suas características e também aspectos da turma onde o Plano de Ação seria aplicado. Finalmente foram relacionados os objetivos do referido Plano e as etapas do desenvolvimento do mesmo. Seus principais objetivos foram o de propiciar ao aluno um conhecimento amplo da importância da leitura, por meio de ações mediadas pelos educadores inseridos em seu âmbito escolar. A partir das considerações gerais, ainda que tenha sido oportunizada uma amostra de apenas uma das turmas da referida escola, constatou-se que a leitura exerce um papel significativo nesta fase de aprendizado das crianças, especialmente quanto se oportuniza às mesmas participarem de estratégias, na escola, que lhes auxiliem na construção deste conhecimento. Finalmente, registrou-se a relevância do mediador diante deste processo, com destaque para o papel do profissional da biblioteca.

Palavras-chave: Leitura. Criança. Literatura. Mediação.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. CONTEXTOS E SUJEITOS DA ESCOLA.....	13
1.1 Histórico da Escola.....	13
1.2 Caracterização da Turma.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3. O PLANO DE AÇÃO.....	19
3.1 Descrição do Plano.....	19
3.2 Desenvolvimento do Plano.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
BIBLIOGRAFIA .....	36
ANEXOS.....	38



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, desenvolvido ao longo da disciplina no Curso de Especialização Processos de Alfabetização e Letramento, trata de um Plano de Ação aplicado em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental numa escola municipal de Belo Horizonte.

Este trabalho visou mostrar a importância da leitura para as crianças e o porquê de seu desinteresse pela literatura demonstrado pelos alunos, principalmente a partir do Segundo Ciclo do Ensino Fundamental. Assim procurou-se mostrar o necessário papel dos mediadores de leitura, auxiliar de biblioteca e professor, como formadores de leitores nos anos iniciais de alfabetização. Várias hipóteses relativas a este desprendimento da leitura nos alunos são passíveis de análises, como por exemplo, questões culturais e socioeconômicas; questões estas que serão discutidas aqui, com embasamento teórico de alguns autores. Sabe-se também que a explosão dos meios tecnológicos, dentro e fora das escolas, configura-se como uma das grandes responsáveis pelo desinteresse da leitura nas crianças. Não é objetivo desta pesquisa trazer questões acerca desta temática, apenas fez-se menção, pela relação estreita desta questão em relação à leitura, uma vez que as escolas ainda não conseguiram um meio de aliar-se a esta nova tendência e obter vantagens, já que esta é uma realidade presente e irrefutável no meio escolar. As crianças da sociedade atual têm um acesso constante aos aparelhos tecnológicos e percebe-se que algumas passam a tratar a leitura como secundária; o que pode se tornar um fator muitas vezes prejudicial, pois é na escola, transmissora de um conhecimento de forma sistematizada, onde o aluno tem seu maior contato com a literatura, necessária nesta fase de desenvolvimento, o que não é característica dos meios tecnológicos a que têm acesso livremente dentro e fora da escola.

Entende-se que é preciso proporcionar meios de aguçar a imaginação de nossos alunos e a literatura é uma prática imprescindível neste processo. Possibilitar o contato com os livros infantis na escola, desde os anos iniciais, permite aos educadores apoiar-se em uma ferramenta que, a partir da educação infantil, far-se-á imperiosa para o desenvolvimento global do aluno.

Pretende-se mostrar a importância da mediação da literatura junto aos novos leitores, uma vez que se percebe que os alunos da escola, em sua maioria, apresentam

um desinteresse considerável pela leitura e, conseqüentemente, a escolha do livro que levam como empréstimo para ler em casa e mesmo aqueles que leem na escola no horário usual de ir à biblioteca, tem se tornado um hábito obrigatório e mecânico. Este momento perde seu sentido, pois as crianças não se sentem motivadas com a leitura.

Desse modo, o objetivo geral do Plano de Ação foi o de propiciar ao aluno um conhecimento amplo da importância da leitura, por meio de ações mediadas pelos educadores inseridos em seu âmbito escolar. A ação realizou-se no sentido de possibilitar às estudantes situações de aprendizagem que pudessem auxiliá-los a ser capaz de questionar sua realidade, analisar, comparar, decidir, planejar e expor ideias, bem como ouvir e respeitar as de outrem, configurando-se em sujeitos críticos, reflexivos e criativos, a partir dos benefícios adquiridos pelo hábito de ler. Uma vez lançados os objetivos, pretende-se apresentar dados do quanto é relevante a mediação da leitura junto aos alunos e que esta deve ser aplicada, para além do caráter pedagógico característico da sala de aula, através da promoção de situações de estímulo à leitura, na biblioteca, por exemplo. Deve-se criar situações variem, desde ações na hora do empréstimo, como também no recreio. A ida programada para escolher o livro que será emprestado para ser lido em casa, deve ser amparada por intervenções como a roda de leitura ou uma cotação de histórias, assim como mostras das novidades literárias, enfim momentos que visem enfatizar o valor da leitura desde a infância sem qualquer caráter avaliativo.

Especificamente, procurou-se desenvolver os conhecimentos, os valores e as atitudes dos alunos, através da realização de ações mediadoras, no horário da turma na biblioteca, a fim de estimular seu interesse pelo acervo da biblioteca. Também proporcionar situações de manuseio dos livros, como exposição de obras adquiridas, encorajando-as a:

a) examinar e explicar sua opinião acerca das novidades adquiridas, a fim de que pudéssemos conhecer seu gosto literário.

b) ouvir atentamente os comentários de cada leitor, argumentando e reconsiderando seu conhecimento prévio dos títulos da biblioteca.

c) O engajamento das crianças num processo de reflexão e discussão acerca dos temas discutidos também constou de nossos objetivos, tomando o cuidado para não as induzirem a aceitarem a posição do mediador. Desta forma, as pretensões foram incutir nas

mesmas a importância de refletir sobre o que leem, a fim de que pudessem perceber que a leitura deve fazer sentido para quem ler.

Todas as turmas da escola seguem um cronograma de visitas semanais à biblioteca, onde, além dos empréstimos de livros, que ocorrem quinzenalmente, são realizadas ações de mediação de leitura com intuito de despertar os leitores para os prazeres da literatura, porém percebe-se que com algumas turmas é necessário um trabalho mais intenso e específico que depende diretamente do bibliotecário e da professora da sala. A escolha por esta turma foi por que a mesma se encaixa nestas características.

A opção pelo desenvolvimento do trabalho com a turma de 4º ano, foi por observar que a professora da mesma, leitora, traz a literatura como ferramenta de auxílio em suas aulas, sem que suas ações tornem a leitura um fardo para seus alunos. Apresentei-lhe minha proposta e solicitei sua colaboração, o que foi imediatamente aceito pela mesma e, juntas, iniciamos as atividades específicas do meu plano de ação, mescladas em momentos em sala de aula e na biblioteca. Por que ambas acreditamos que o acesso ao mundo da literatura é um direito da criança que não pode ser negado, as coisas foram fluindo de forma satisfatória.

Esta turma, segundo relatos da regente, tem dificuldades de leitura, mas apesar disto, a mesma realiza um trabalho diário, na sala de aula, dando ênfase à contação de histórias, leitura compartilhada e também, todos os dias, a turma tem um momento literário onde pode escolher os livros que ficam na sala, um acervo variado, e fazer uma leitura livre. Com isto, a mesma procura possibilitar às crianças um contato constante com os livros infantis e, apesar das dificuldades, as crianças gostam bastante deste momento e ainda que tendam a sempre se interessar por livros de leitura, que, nós, leitores assíduos, consideramos “mais fáceis”, por se tratar de livros em textos de caixa alta ou aquelas onde predominam figuras e pouco texto, pois na idade referida, espera-se que o leitor opte por uma literatura que contenha temas que atraiam mais crianças nesta idade, ainda assim, a professora cria um ambiente de interação, ouvindo os recontos dos pequenos leitores, cada um dentro de suas limitações, segundo seus relatos.

Ainda que esta opção por textos pequenos e sem um conteúdo mais consistente possa, numa primeira análise, não ser o ideal de leitura para esta etapa de alfabetização, a professora da turma informou que alcança bons resultados, pois os alunos escolhem,

para o momento da leitura dela, quando eles serão apenas ouvintes, histórias de autores que variam desde Monteiro Lobato, Ruth Rocha a Ana Maria Machado, dentre outros. Mesmo não tendo conseguido, até nesta fase um progresso na leitura da maioria desta turma por razões diversas, como dificuldades de aprendizado e também a falta de acompanhamento familiar, em casa, principalmente com a leitura (a professora relatou que pede aos alunos para lerem para os pais ou o seu responsável, o que não acontece, pois é enviada uma ficha a ser preenchida que, raramente retorna para a escola), ainda assim ela acredita no trabalho que vem realizando e conta com resultados satisfatórios ao final do ano letivo.

O Plano de Ação foi aplicado com livros infantis e com a Revista Ciência Hoje das Crianças e demais materiais literários do acervo da biblioteca da escola. Constam neste trabalho, citações de alguns autores que abordam este tema. Procurou-se também dialogar com os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, que veio com o propósito, estipulado pelo Ministério da Educação e Desporto, de apontar metas de qualidade que ajudem o aluno a enfrentar o mundo atual como cidadão participativo, reflexivo e autônomo, conhecedor de seus direitos e deveres. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, Língua Portuguesa, v.2).

Portanto as argumentações aqui apresentadas, têm embasamento teórico e remetem às diversas práticas de incentivo à leitura, analisando como a literatura infantil tem papel preponderante na formação de leitores e os reflexos do importante papel do educador frente a esta ação.

Assim, fica posto que o fim deste trabalho foi despertar em nossos alunos o gosto pela leitura, através de meios desenvolvidos com o fim de despertar este prazer por ler, de forma que aquele título escolhido seja de fato de seu interesse, livre de quaisquer obrigatoriedades avaliativas ou cumprimento de horários. Espera-se que ter proporcionado esta oportunidade aos alunos do 4º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Prefeito Souza Lima, tenha sido uma via de mão dupla, para mediador e aluno, onde ambos os sujeitos envolvidos neste processo de construção de conhecimento, possam ter usufruído dos ganhos de uma boa leitura.

## 1. CONTEXTO E SUJEITOS DA ESCOLA

### 1.1 Histórico da Escola



Fonte: autoria própria

A Escola Municipal Prefeito Souza Lima, identificada neste texto como EMPSL, está localizada à Rua dos Paraguaiois nº 97, no Bairro Jardim Vitória. Localizada numa área considerada de vulnerabilidade social, foi criada em março de 1983, tendo iniciado suas atividades letivas em 04 de abril. Passados 32 (trinta e dois) anos de sua inauguração, muitas coisas mudaram internamente e em seu entorno, mas a região continua tendo algumas precariedades e problemas ligados principalmente à violência urbana.

Hoje, a escola funciona em dois turnos diurnos, com turmas de 1º e 2º ciclos, somando 640 alunos residentes na região e imediações e ainda conta com o Programa Escola Integrada atendendo à maioria dos alunos lotados na mesma.

No que se refere ao seu espaço físico, a escola é composta de 16 salas de aulas, divididas em três blocos. Existe também uma sala de vídeo, biblioteca, sala de informática, cantina, quadra de esportes, sala de coordenação, sala de professores, banheiros, sala da direção e da secretaria, além das acomodações do Atendimento Educacional Especializado – AEE.

Desde o início de 2006, a escola conta com o trabalho voluntário de uma terapeuta educacional que atende, semanalmente, individualmente ou em pequenos grupos, alunos com dificuldades de aprendizagem e aquelas também com problemas familiares graves como assassinatos, violência doméstica, drogas, etc. O que contribui para somar ao trabalho dos professores da escola que desenvolvem propostas pedagógicas coletivas visando uma educação inclusiva. A escola também é representada nos Fóruns da Criança e do Adolescente.

Um dos pressupostos do Projeto Político Pedagógico é a escola trabalhar com a criança, considerando-a um ser cognoscente, tendo como objetivo a alfabetização e o letramento. Nos dois primeiros ciclos de formação, trabalha-se fundamentalmente o desenvolvimento sociocultural dos alunos, solidificando uma formação básica que permita aos mesmos níveis de conhecimento mais complexos que possam auxiliá-los na sua construção como cidadãos.

Cabe ressaltar que estas crianças são vítimas de desigualdade social também pela falta de acompanhamento e continuidade no processo educativo em casa, sendo que em relação aos processos pedagógicos muitos necessitam de avaliação e assistência especializada.

Mesmo estando localizada em uma periferia com problemas recorrentes que acabam afetando o perfil social da escola, em contrapartida procura-se criar um ambiente afetivo onde as crianças possam se sentir acolhidas e felizes.

Enfim, espera-se que a aplicação deste projeto, possibilite a nós, educadores, reflexões que nos remetam às inúmeras possibilidades de um trabalho diferenciado que possa trazer benefícios a partir de uma literatura orientada junto às nossas crianças. Nesta perspectiva, compreende-se que a leitura na escola não pode ser um objeto solto, apenas para cumprir um cronograma pedagógico, esta deve ser utilizada conscientemente, dada a devida importância desta prática em cada momento específico, estabelecendo uma relação construtiva com os alunos, contribuindo de modo eficaz para o desenvolvimento integral dos educandos.

## 1.2 Caracterização da Turma

Em sua maioria, as crianças da Escola Municipal Prefeito Souza Lima chegam à instituição, de ônibus, transporte este que é disponibilizado pela Prefeitura de Belo Horizonte, por morarem em um Residencial Popular do Bairro Vitória, logradouro vizinho ao de localização da escola. Outras se utilizam de transporte particular, Vans ou carros e há também uma minoria que chega a pé, por morarem perto.

As famílias, como um todo, têm baixas condições socioeconômicas. Grande parte não tem salário fixo, atuando no mercado de trabalho informal e desenvolvendo, em muitos casos, atividades temporárias.

A turma, que foi objeto da pesquisa, tem um total de 31 alunos, sendo 18 meninas e 13 meninos, com idades que variam entre 08 e 09 anos. Ainda que seja uma turma com baixo índice de aprendizado, a professora da mesma procura enriquecer sua prática com a literatura e, diariamente, lê e ouve histórias de seus alunos, mesmo com a dificuldade de leitura de muitos da turma. Também mantém ativo o Cantinho de Leituras da sala e ainda os acompanha nos horários que são reservados para a turma na biblioteca, nos dias de empréstimos de livros.

A sala é compartilhada com uma turma de 1º ciclo na parte da tarde, por isto, é um ambiente rico em alfabetização com muitos cartazes, o alfabeto, e um porta livros pregado na base abaixo do quadro, para compor o Cantinho de Leitura, que comporta um acervo que varia de livros infantis a infanto-juvenis.

## 2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Como mediadora de leitura em atuação junto a alunos dos anos iniciais, venho percebendo, assim como as professoras com as quais atuo, que há um desinteresse pela leitura nas crianças, na fase escolar em questão. Nota-se que o afastamento desta prática de ler acentua-se, principalmente, a partir do 2º ano, quando a iniciativa para a leitura deve partir do educando, nos momentos de leitura em sala de aula e também em suas idas à biblioteca da escola, semanalmente, para a escolha de um livro como empréstimo para ser lido em casa quando estas se tornam responsáveis pela escolha do que ler. Será que apenas ter acesso ao acervo que lhes é apresentado na biblioteca da escola e na sala de aula, tem sido suficiente para despertar nas crianças o interesse pela leitura livre? Estes alunos devem ser envolvidos em práticas constantes de leitura na escola a fim de que possam ser levados a descobrir que estar em contato com a leitura será de grande benefício para seu desenvolvimento? Estas práticas devem envolver a professora e a biblioteca, numa interação cotidiana?

De acordo com Vilson José da Silva (2009), a biblioteca escolar só pode cumprir a sua função de integrar-se ao ensino numa escola, se o mediador que atua nesse espaço for um profissional dinâmico, pois cabe a ela estabelecer interação entre a biblioteca e os alunos, entre a biblioteca e os professores e entre a biblioteca e os conteúdos. Um dos melhores meios da escola manter vivo o imaginário infantil, a literatura deve ser sempre estimulada, principalmente através de um contato diário com a biblioteca, que deve dar suporte à formação de leitores, estimular a pesquisa e o compartilhar de ideias, pois este local é parte integral do processo educativo (JUNQUEIRA DE SOUZA, 2009, p.116). Baseando-se nesta colocação, percebe-se que devemos trazer ações educativas que objetivem despertar as crianças para a riqueza e importância da diversidade do acervo que compõe este ambiente.

Na instituição em questão, alguns alunos tendem a depositar o livro que pegaram como empréstimo, obrigatório, devido a rotina de cumprimento de horário, num canto de sua pasta, até o dia da devolução do mesmo e, muitas vezes a leitura só é feita caso sejam avisados da avaliação a que serão submetidos. Segundo Paiva (2009), o livro de literatura é um capital cultural no seu estado objetivado; a autora afirma que ele foi constituído em nossa cultura letrada como um bem material simbólico legítimo, assim se a



escola é o local de transmissão do conhecimento sistematizado, então a leitura é o caminho para a construção da autonomia necessária para que as crianças possam se apossar dos benefícios deste bem material.

O conhecimento é um recurso capaz de oferecer caminhos através dos quais as pessoas serão capazes de adquirirem autonomia para se posicionarem na sociedade em que estão inseridos, e a leitura é uma das promotoras dos rumos deste caminho, principalmente nesta fase de desenvolvimento da criança. Assim ler não é simplesmente decodificar sem a compreensão necessária para interpretar um texto; ler seria o caminho para a aquisição deste conhecimento necessário à inserção nesta sociedade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1997), alertam que por conta desta concepção equivocada de reduzir a leitura em converter letras em sons, a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Ainda, segundo os Parâmetros, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. Assim, uma vez que estamos tratando de leitores em formação e o papel do mediador de leitura neste processo, entende-se que se devesse oferecer aos alunos inúmeras possibilidades de leitura a fim de que possam ser direcionados a assimilarem e fazerem uso dos novos conhecimentos adquiridos a partir do ato de ler, a partir dos seus conhecimentos prévios. A saber:

Toda criança tem um repertório de conhecimentos acumulados e organizados no decorrer de sua experiência de vida. E esse acervo de conhecimentos funciona como um esquema de assimilação, como uma teoria explicativa do mundo. É a sua estrutura cognitiva. Diante de um novo objeto, a criança se mobiliza, estabelecendo uma relação entre o seu acervo de conhecimentos- a estrutura cognitiva – e o novo estímulo a ser aprendido. (BARBOSA, 1991, p.71)

Cabe também citar que os questionamentos trazidos acerca da desmotivação pela leitura dos alunos têm uma ligação com sua situação cultural que está diretamente ligada à situação socioeconômica destas crianças:

A aquisição da leitura e as práticas de leitura literária podem ser consideradas um tipo de capital cultural. Esse conceito foi elaborado pelo sociólogo Pierre Bourdieu para tentar compreender os fenômenos de sucesso e fracasso escolar das crianças oriundas de diferentes classes sociais na escola francesa (Bourdieu 2003, p.73). Para esse autor, cada família transmite a seus filhos, certo capital cultural e essa herança cultural

é responsável pela diferença inicial diante da experiência escolar, e pelas taxas de êxito. (SOUZA, 2009, p.139).

Diante destas conclusões dos estudos de Bourdieu, é importante citar que devido a escola pesquisada ser uma instituição situada na periferia de Belo Horizonte, com alunos oriundos de uma situação socioeconômica desfavorável, acredita-se que o fato de muitos pais terem de trabalhar, normalmente o dia inteiro e, a grande maioria, não tendo como acompanhar, de perto, a vida escolar de seus filhos, o aprendizado torna-se aquém do satisfatório.

Parafraseando Scoz (1994, p. 71 e 173), e traçando um paralelo com as colocações do sociólogo acima, cabe salientar que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, gerando desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar.

Diante do exposto, uma vez que a escola é um lugar de direito, onde as aprendizagens devem se realizar de forma a oportunizar às crianças meios de igualdade social, deve partir de nós, educadores, atitudes para romper com aquilo que nos distancia do ideal, devemos fazer com que ações sejam efetivadas com o fim de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura, onde ler seja um prazer e os frutos, uma satisfação subjetiva. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é a resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal.

### **3. O PLANO DE AÇÃO**

#### **3.1. Descrição do Plano**

Este plano de ação foi desenvolvido durante o ano de dois mil e quinze, com uma turma composta por trinta e uma crianças, compreendendo uma faixa etária de oito e nove anos, sendo dezoito meninas e treze meninos.

Algumas atividades foram elaboradas com o fim de interferir numa situação preocupante vivenciada por mim, enquanto auxiliar de biblioteca do primeiro turno da Escola Municipal Prefeito Souza Lima, que é o declínio do interesse pela leitura dos alunos do segundo ciclo do ensino fundamental.

Em minha prática diária como mediadora de leitura, atuante na biblioteca percebia que os livros escolhidos pelos alunos, como empréstimo para leitura em casa ou leitura livre em sua ida, em horário de visita das turmas à biblioteca, não vinham contribuindo para o despertar do imaginário no leitor infantil, que contribui para o desenvolvimento das habilidades esperadas nesta fase do aprendizado, que seriam, uma postura de alguém capaz de posicionar-se criticamente em seu meio, como um sujeito dotado de uma autonomia, pelo conhecimento adquirido a partir das inúmeras informações a que têm acesso, a partir do trabalho sistematizado oferecido pela escola.

Optei, então, por realizar ações, que pudessem servir de incentivo à formação do hábito de leitura, nos alunos da turma escolhida para a realização deste plano de ação. Foram necessários nove encontros na biblioteca e um na sala de aula.

Primeiramente apresentei para a professora da turma todas as atividades e o objetivo específico que se pretendia alcançar, isto é, fornecer ao aluno um conhecimento amplo da importância da leitura, pois esta interação biblioteca/professor é também de suma importância para a formação de leitores. Conforme Macedo (2005, p. 33):

Do ponto de vista crítico, cabe lembrar, todavia, certos fatores que contribuem com aspectos negativos da biblioteca escolar: o desconhecimento do trabalho e dos respectivos paradigmas, respectivamente, das áreas de biblioteconomia e de educação. Ambos os profissionais, embora exercendo função de educadores, praticamente se desconhecem, pois não costumam trabalhar interativamente.

Assim, a fim de evitar este distanciamento e buscando uma parceria propícia para a realização do Plano de Ação, as estratégias foram apresentadas e discutidas com a professora da turma, conforme se segue:

- Seriam expostas à turma, as ações dos encontros que realizaríamos nos encontros subsequentes. Esta conversa teve como intenção ouvir a opinião dos alunos sobre o que era a leitura para cada um deles, o que achavam da biblioteca da escola, dos cantinhos de leitura e o que esperavam adquirir a partir deste contato com os livros literários.
- A Revista Ciência Hoje seria um dos recursos utilizados, com o objetivo de levar ao conhecimento dos alunos, os artigos científicos direcionados ao público infantil, apresentados na mesma.
- Após este contato com os artigos científicos, o próximo passo seria uma roda de debates enfatizando os assuntos da revista que mais chamaram a atenção das crianças, posteriormente, seria feito o empréstimo da Revista que o aluno escolhesse. Esta poderia ser locada e levada para casa.
- Troca de sugestões de livros em formulário próprio (anexo).
- Promoveríamos recontos realizados pelos alunos dos títulos lidos. Esta é uma prática comum dos educadores junto às crianças tanto da educação infantil, quanto nos anos iniciais. Professores utilizam-se deste recurso em parceria com os pais e, nos momentos de promoção de leitura na biblioteca, esta ação também é utilizada como um instrumento de interação e produção de uma nova relação com o ambiente da biblioteca, proporcionando desenvoltura e auxiliando na oralidade. O autor abaixo endossa a relevância desta colocação:

É importante dizer também o quanto pode ser significativo que os pais leiam histórias para seus filhos ou folheiem com eles um álbum de literatura infantil, levando-os a dizerem o que imaginam que irá acontecer na página seguinte depois de virada. (JOLIBERT, 1994, p. 129).

Ao pensar neste artifício para compor as atividades do Plano de Ação, considerou-se a exploração do livro, dentro e fora da biblioteca, e os prováveis questionamentos dos indícios, a fim de levar o leitor a perceber a estrutura narrativa presente nas histórias, como sugere Jolibert (1994). Pretendeu-se promover situações de escuta pelos alunos a partir da leitura de histórias infantis e, ao propor que as crianças recontem as histórias ouvidas, auxiliá-las a reconstruir mentalmente as partes da história, ou seja, introjetar um esquema narrativo e desenvolver a linguagem oral. Assim, possibilitava-se criar situações para que reproduzissem o que leram, levando-as a estabelecer relações com sua forma de viver, pensar e agir.

Estão relacionadas abaixo as ações pedagógicas que seriam aplicadas durante a aplicação do projeto e a importância de cada uma para a obtenção dos resultados pretendidos:

- Jogral - esta é uma estratégia que vem de encontro a auto estima do aluno que ainda não adquiriu uma leitura fluente, tendo dificuldades que refletem nos momentos de reconto, de troca de experiências a partir dos textos lidos, dentre outras situações em que este tem de se manifestar diante dos colegas. Solé (1998), considera que ao se colocar o leitor para participar de um jogral não se deve ter a preocupação, no momento, de checar o que este compreendeu, mas deve-se preocupar com a necessidade do desenvolvimento da oralidade.
- Confecção, em grupo, de 05 alunos, de um livrinho com título e conteúdo à escolha dos mesmos, a partir das opções apresentadas. Com esta proposta, objetivou-se demonstrar a “especificidade” da literatura infantil que pode ser traduzida, a partir do desafio de criar um livrinho próprio, como promotora da diversão, da emoção, da criatividade e da liberdade do universo infantil, além da promoção da auto estima do aluno.
- Momento de leitura livre na biblioteca - A exposição de um acervo diversificado, com títulos variados, fará com que a criança descubra o que mais se aproxima do seu gosto e o que lhe desagrade. Esta estratégia é importante por que dá autonomia de escolha, ao leitor,

do que vai ler, a partir do que mais lhe interessa, naquele momento, a partir das opções que lhe estão sendo dadas.

Solé (1998, p. 96, 97) afirma que:

...o prazer é algo absolutamente pessoal e cada um sabe como o obtém. Assim talvez a única coisa a ressaltar neste caso é que a leitura é uma questão pessoal, que só pode estar sujeita a si mesma. Neste caso, o leitor poderá reler um parágrafo ou mesmo um livro inteiro, tantas vezes quantas for necessário; poderá saltar capítulos e voltar a eles mais tarde, o que importa quando se trata deste objetivo, é a experiência emocional desencadeada pela leitura. É fundamental que o leitor possa ir elaborando critérios para selecionar os textos que lê, assim como para avaliá-los e criticá-los.

Nessas perspectivas, deve-se sempre estar atentos para as variáveis envolvidas no processo de formação de leitores e na sua importância na construção da autonomia dos sujeitos.

### **3.2 Desenvolvimento do Plano**

Acredita-se que o contato diário na escola com o livro de literatura, tanto na biblioteca quanto nos chamados Cantinhos de Leitura na sala de aula, contribui para criar o hábito da leitura nas crianças. Assim é necessário que cuidemos para que as coisas não aconteçam de forma impositiva, mas sim proporcionando meios de aguçar o gosto, o prazer e a liberdade para que a criança possa ler e usufruir dos benefícios da leitura, a partir de sua opção na escolha de livros que devem estar disponibilizados no espaço escolar, sem que isto tenha um caráter obrigatório, nem impositivo, muito menos avaliativo. Espera-se que esta rotina, assim como a aplicada para as outras disciplinas, venha a contribuir para que as crianças possam se tornar leitores assíduos, conscientes da importância de ler, porém sem que a leitura perca seu cunho prazeroso e tomando-se o cuidado para que a ação não seja aplicada como uma disciplina ensinada onde depois serão cobrados resultados.

Esse plano de ação foi desenvolvido durante o segundo semestre do ano de 2015, durante o qual tive 09 (nove) encontros com a referida turma. É necessário enfatizar que a reposição da greve que ocorreu no período de final de abril até o final de maio, alterou o horário das idas das turmas à biblioteca. A turma com a qual desenvolvi o projeto teve seu horário alterado, das quatro idas semanais à biblioteca, uma destas foi deslocada para os sábados (a reposição em nossa escola foi feita até dezembro envolvendo todos os sábados do segundo semestre). Nestes dias, em que eu estava em aula no Laseb, a professora levava seus alunos para leitura e empréstimo de livros para casa. Como

consequência disto, em função desses encontros na biblioteca em que eu não estive aplicando a ação, comprometeu-se o término da confecção dos livrinhos, uma das propostas da ação. Porém, eu e a professora pudemos fazer uma avaliação do desenvolvimento e dos resultados, independente desta mudança, pois meu objetivo maior, que era fornecer ao aluno um conhecimento amplo da importância da leitura, possibilitando-lhe situações de aprendizagem a fim de levá-los a ter autonomia em suas próprias ações, foi atingido. Todas as turmas da escola seguem um cronograma de visitas semanais à biblioteca, onde, além dos empréstimos de livros, que ocorrem quinzenalmente, são realizadas ações de mediação de leitura com intuito de despertar os leitores para os prazeres da literatura, porém com algumas turmas é necessário um trabalho mais intenso e específico que depende diretamente do bibliotecário e da professora da sala. A escolha por esta turma foi por que a mesma se encaixa nestas características.

Na segunda quinzena do mês de agosto de 2014, expus o Plano de Ação à Coordenação Pedagógica da escola. Depois procurei a professora da turma que selecionei e fiz o mesmo. Uma vez que já trabalho como Auxiliar de Biblioteca no primeiro turno desta escola, desenvolvendo um trabalho como mediadora de literatura com o intuito de despertar o prazer de ler nas crianças, conheço o perfil da turma e de sua professora, leitora, assim ficou fácil traçar um diagnóstico desta com o fim de aplicar a ação pedagógica. Expliquei à professora que a aplicação deste plano de ação era uma exigência do meu curso de especialização e, por eu não ser regente na escola, precisava escolher uma turma apenas para a aplicação do mesmo. A escolha da turma em questão esteve diretamente à forma como a regente dialoga com a literatura: para a mesma ler é de suma importância no desenvolvimento da oralidade e da escrita dos alunos e ela faz desta ferramenta um apoio constante em suas aulas, apesar de todas as dificuldades mediante o perfil de sua turma. Busquei analisar quais seriam suas expectativas e em que nossas ideias e ideais poderiam ser casados, a fim de que pudéssemos aplicar o projeto satisfatoriamente. A professora foi bastante receptiva.

Em agosto, início do desenvolvimento da ação, seriam dois encontros com o 4º ano. Não houve dificuldades nessa primeira fase. Após os entendimentos com a professora o segundo critério adotado foi conversar com as crianças sobre o projeto, a fim de que se pudesse perceber sua reação ao serem informadas que seriam citadas na faculdade onde eu estudava como uma sala que mereceu ser objeto desta pesquisa, por causa do trabalho realizado por sua professora e do retorno que eles, em função de seu interesse, davam à mesma. Deixei claro que isto estaria sendo feito para seu crescimento

enquanto alunos e principalmente leitores. As crianças ouviram atentamente e fizeram perguntas como, por exemplo: Por que nossa turma é que foi a escolhida? Nós vamos ter de fazer uma prova? Foi um momento muito significativo, pois como já estava em meus planos fazer uma atividade, no final, de auto avaliação, percebi que caso surgissem dificuldades na realização desta, esta primeira recepção daria um norte para eu explicar-lhes como era se auto avaliar.

Feita esta primeira explanação do trabalho que estaríamos compartilhando e tendo como foco o despertar do interesse dos alunos pela aplicação da ação, expliquei-lhes que eram os pioneiros daquele projeto que, posteriormente, seria dada as outras salas a mesma oportunidade de usufruírem das ações que desenvolvemos juntos.

No segundo dia do horário de biblioteca da turma, ainda em agosto, a programação era leitura livre. Conforme as crianças iam escolhendo os livros que iriam ler, no local, apresentei para a professora da turma as ações que seriam desenvolvidas ao longo da intervenção, conforme relacionadas abaixo, explicando-lhe que seriam ações mediadoras específicas para a sua turma, aplicadas com um caráter diferenciado do atendimento dado às outras turmas do turno da manhã, uma vez que estávamos realizando o desenvolvimento do projeto em questão. Inicialmente, tencionava-se criar estratégias a fim de possibilitar o despertar do interesse da turma pelo diversificado acervo literário de nossa biblioteca, uma vez que havia uma tendência dos alunos a locarem os mesmos títulos, num espaço determinado espaço de tempo, não explorando assim o material disponível para empréstimo e leitura no local. Apresentei à regente, exemplos do que seria aplicado (a importância pedagógica de cada ação descrita abaixo, do Capítulo 3, item 3.1 do presente trabalho) conforme abaixo:

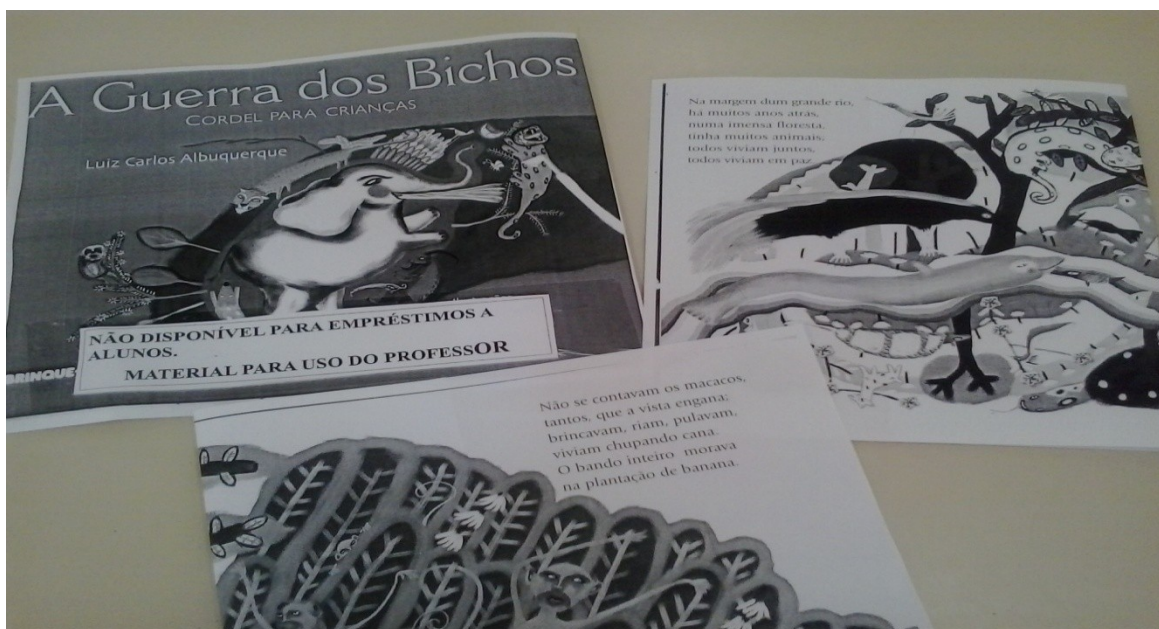
- Exposição de acervo selecionado especialmente para este projeto; inclusive a Revista Ciência Hoje das Crianças, que é um instrumento que muitas vezes é pouco explorado nas bibliotecas;
- Leitura compartilhada;
- Promoção de recontos;
- Debate de temas da Revista Ciência Hoje das crianças;
- Exposição e posterior leitura compartilhada de diversos títulos;
- Jogral;
- Sugestão de leitura aos colegas a partir do preenchimento do formulário “Li e Recomendo” (anexo 1).



Diferentemente da forma que fazíamos, normalmente, os livros e as revistas estavam sobre as mesas e não nas estantes, pois eu havia selecionado o material que usaria como ferramenta para o projeto. A novidade não inibiu as crianças que formaram seus grupos e sentaram-se conversando sobre os títulos e trocando ideias sobre as Revistas Ciência Hoje. Selecionei alguns alunos para falarem o que acharam de algum artigo que tenham achado interessante. Esta forma de compartilhar os artigos infantis da revista era um ensaio para o momento dos recontos e de perceber sua oralidade diante dos colegas de turma. Neste dia houve empréstimo de livros para serem levados para casa. Os trabalhos com a turma foram desenvolvidos de forma similar às da professora: a leitura fluiu livre e, supostamente descompromissada. A diferença entre meu trabalho e da regente é que, na minha prática havia uma indução a certos títulos e as revistas, que não foram colocadas ali sem propósito, indução esta não percebida pelos alunos, ao invés de deixar os livros e revistas nas estantes, eles foram disponibilizados nas cinco mesas redondas da biblioteca. Não foram materiais aleatórios, houve uma seleção de títulos que variavam entre contos de fadas, aventuras, poesias, romances, revistas em quadrinhos e a Revista Ciência Hoje das Crianças, esta variedade de títulos foi exposta a fim de evitar que optassem pelos títulos a que estavam acostumados a pegar quando iam à biblioteca.

Em setembro seriam três encontros. No primeiro, foram alteradas a disposição das cadeiras da sala. Neste dia elas foram postas em círculo, criando um ambiente propício à contação de histórias. Antes da devolução dos títulos que haviam levado como empréstimo (o empréstimo foi feito com a professora no sábado anterior). Pedi a três alunos para recontarem o que leram aos colegas. Após este reconto, expus os títulos novos recebido pelo PNBE. A novidade despertou o interesse das crianças, pois lhes foi comunicado que eram os primeiros a manusearem os livros novos. Enquanto alguns liam, outros folheavam, sempre se comunicando muito, o que foi permitido, a fim de criar um ambiente descontraído. Terminado este momento e, quase na hora da saída deles, comuniquei-lhes que a próxima aquisição de livros para a biblioteca seria a Coleção Diário de um Banana, do autor Jeff Kinney. Foi uma notícia recebida com muita alegria, pois as crianças já haviam solicitado à professora esta coleção e, alguns alunos que frequentam mais assiduamente a biblioteca da escola, colocaram a mesma na lista de sugestão. Neste dia não houve empréstimos.

No segundo encontro de setembro, fizemos leitura compartilhada e jogral (esta atividade foi repetida nos dois encontros posteriores), sendo que neste momento do jogral, com a leitura do livro: A Guerra dos Bichos, cordel para crianças, do autor Luiz Carlos Albuquerque, a turma foi dividida em seis grupos de cinco alunos e cada aluno recebeu uma xerox de uma parte do livro. Todos lemos juntos a história, os alunos, eu e a professora, que fomos revezando-nos um pouco em cada grupo, intencionalmente, com o intuito de equilibrar o compasso da leitura. Cabe salientar que os grupos ficaram fixos, nos encontros, com seis crianças que dominavam melhor a leitura, cada uma em um grupo, com aqueles menos fluentes; intencionalmente, sem que eles atentassem para o fato o que serviu para incentivar aquelas crianças com dificuldade de ler. O resultado foi bastante satisfatório, considerado um avanço, pois ainda que a repetição da atividade tenha feito com que eles decorassem boa parte da história, fizemos uma avaliação positiva disto, pois esta atitude revelou mais uma de suas capacidades que acabavam por ficar ocultas, pois aqueles que têm certa dificuldade de ler, muitas vezes, tornam-se retraídos para lerem sozinhas e em voz alta, prejudicando seu desempenho oral e, juntos, percebemos que ficaram motivados a acompanhar os colegas. Notamos que alguns daqueles que liam menos, decoraram a parte de seu grupo e todos participaram do momento.



Fonte: autoria própria

Uma vez que as crianças já estavam bem mais a vontade na biblioteca e, mesmo sem consciência, sabedores de seu papel no ambiente; em uma de suas visitas, sugeri

que fizéssemos um combinado (não usei a palavra atividade para não dar um tom de obrigatoriedade ao momento); a sugestão foi que escolhessem o livro nas mesas, lessem e depois compartilhassem com todos presentes. Algumas, ao compartilharem a história, estavam mostrando ser capazes de, além de decodificar, compreender e reagir diante do que leram, criticando positivamente, ou não, senti que já poderia aplicar a parte mais avaliativa da minha intervenção, a fim de verificar se a turma já estava sendo capaz de construir pequenos conceitos e possibilidades, em função de eu estar percebendo um novo despertar, a cada encontro, trazendo cada vez mais seu interesse pela leitura. Então, sem deixar transparecer o caráter avaliativo do passo a ser dado, apliquei junto às mesmas, inclusive sem detalhar para a professora, uma dinâmica que fora realizada na aula da professora Delaine Cafiero, quando ministrou sua disciplina em nossa sala de aula. O desenvolvimento ocorreu da seguinte maneira:

A turma foi organizada com os mesmos grupos das atividades anteriores, a professora juntou-se a um dos grupos e eu, de pé, mostrei a todos a capa de um livro infantil: O Grúfalo, de Júlia Donaldson, um clássico da literatura infantil, traduzido por Gilda de Aquino.

Esta dinâmica consistia em estabelecer previsões sobre o texto e exploração do livro, como um todo, esperava-se cultivar algumas habilidades dos leitores, pois a partir do momento que formula-se hipóteses e faz-se previsões, pode-se induzi-los a correr riscos, estimulando seu imaginário, fazendo com que se aventure a criar, enveredando por situações inusitadas, mas pertinentes, a partir do que a primeira impressão do livro exposto trouxe-lhe, levando-o a se envolver no texto antes mesmo de conhecê-lo. Desse modo, Isabel Solé (p.107, 1998) diz que:

Para estabelecer previsões, nos baseamos nos mesmos aspectos do texto que já mencionamos: superestrutura, títulos, ilustrações, cabeçalhos, etc. E, naturalmente, em nossas próprias experiências e conhecimentos sobre o que estes índices textuais nos permitem entrever sobre o conteúdo do texto.

Assim, esta atividade teve como característica promover a interação do leitor com o texto, independente das impressões concretas trazidas pelo texto. Corroborando com Solé, a autora Miguez (p. 73, 2009) traz que se um texto é usado para saber aonde o autor quis chegar, é melhor pegar o telefone e perguntar direto ao escritor. Se ele souber, ele responderá e não haverá desperdício de tempo.

Em primeiro lugar, esta ação foi ministrada com perguntas, primeiro, sobre a capa do livro, que traz um personagem destacado em plano maior e um outro bem pequeno à sua frente. As primeiras perguntas, previamente elaboradas, aplicadas oralmente, foram:

- 1) Qual o título do livro?
- 2) Vocês sabem o que é um grúfalo?
- 3) Descrevam a capa, minuciosamente.
- 4) Quais são os personagens da capa do livro?

A estratégia era levantar hipóteses do que seria aquela história a partir do visual apresentado pela capa. As crianças nunca haviam ouvido falar de um grúfalo, mas ao verem um ratinho pequeno e um outro animal grande, associaram o nome, grúfalo, ao de maior porte e também pelo fato de conhecerem ratos, não acharam que o ratinho da capa seria o grúfalo. Então fiz o seguinte questionamento: quem nos garante que o grúfalo não é o ratinho? Eles riram, achando impossível um rato ser denominado grúfalo. Então, entreguei dicionários a alguns e pedi que olhassem no mesmo a palavra grúfalo a fim de que pudéssemos tirar a dúvida se havia no mesmo, um significado daquela palavra que correspondesse ao porte do animal que eles decidiram que era o personagem do título (poucos conseguiram chegar até a sequência alfabética da letra G com o R do dicionário, mas falaram em coro que não acharam a palavra).

Trazer estas questões das previsões que antecedem a leitura de um livro, despertou o interesse de grande parte da turma, expliquei-lhes que o que fizeram tratava-se de inferências (que também pedi que buscassem o significado o qual também não encontraram, a professora achou e leu para todos), continuei explicando-lhes que muitas vezes ou, na maioria delas, é o que fazemos ao escolher um título para lermos: tiramos conclusão a partir do que está contido na capa, contracapa e etc. Este diálogo foi muito rico, pois apesar das limitações das crianças, devido à sua pouca experiência como leitores, notamos, eu e a regente, uma postura diferenciada dos meninos diante dos títulos expostos. Os pequenos leitores trocando impressões entre si, da capa do livro escolhido, fazendo perguntas desafiadoras uns para os outros, testando se o colega era capaz de adivinhar o conteúdo da história escondida entre as capas do livrinho. E, confirmando, conforme nos colocou Solé (1998, p. 109), que as previsões podem ser suscitadas ante qualquer texto, percebeu-se nas crianças um olhar mais atento ao

conteúdo das revistas ao trocarem opiniões sobre os títulos principais de cada edição, agindo, fazendo sem se inteirar, uma leitura crítica do assunto, mostrando-se mais seguros para manusear e, conseqüentemente descobrindo a riqueza daquele instrumento tão rico de nosso acervo.

Neste dia também não houve empréstimos ainda que a turma tenha pedido para locar alguns títulos e também algumas Revistas Ciência Hoje. Sugeri que lessem, em casa, algum livro que tivessem ganhado no Kit Escolar que receberam nos anos anteriores e que trouxessem o que leram para juntos repetirmos a dinâmica que acabáramos de fazer. O consentimento foi geral, mas surgiram perguntas do tipo: “Se eu for falar do meu livro, você vai me ajudar e ficar na frente comigo?” Apesar deste sinal de insegurança para falar do que leu, ou trazer partes da atividade realizada, pode-se perceber um avanço na relação da turma com a leitura livre.

Ao saírem, alguns perguntaram quando chegariam os livros de Jeff Kinney; saliento que se referiram ao autor e não ao título da coleção, considerei esta forma de se referir ao livro como um retorno satisfatório ao que vínhamos realizando. Por não poder determinar uma data certa da chegada da coleção, fiz previsão de que seria em torno de uns três meses, sugeri assim, que lessem bastante para estarem prontos receberem a novidade tão esperada. Eles se mostraram eufóricos. Ressalto que não pude informar às crianças uma data certa de chegada da coleção, pois a aquisição de acervo para a biblioteca é a partir de uma verba destinada à aquisição de acervo para a biblioteca conforme artigo 163, § 2º da Lei Orgânica do Município de Belo Horizonte, onde está determinado que cada escola municipal aplicará pelo menos dez por cento da verba referida no art. 161 na manutenção e ampliação do acervo de sua biblioteca; porém há uma burocracia a ser seguida pelo Setor do Caixa Escolar das Escolas, até que se concretize as compras dos títulos escolhidos, o que não nos permite, enquanto funcionários lotados nas bibliotecas, prevermos a data de chegada do material solicitado.

Em nosso último encontro de setembro, apresentei à turma nosso próximo passo do Plano de Ação e esta novidade foi uma grande motivação para o passo seguinte da intervenção. A culminância da dinâmica seria a confecção de um livrinho infantil. Entreguei para cada grupo um pequeno cartaz contendo as normas desta atividade.

Todos os passos para a realização desta etapa haviam sido apresentados, anteriormente e sem a presença dos alunos, à professora, que ficou muito entusiasmada

e concordou em ajudar, apesar de ambas concluirmos que o tempo estaria um pouco apertado para a conclusão, pois este foi um ano de greve e nossa carga horária estava comprometida, por causa dos conteúdos das outras matérias a serem dados. Decidimos, juntas, começar mesmo assim e próximo ao final do ano letivo, avaliaríamos o tempo restante para a conclusão das atividades.

Os dois encontros de outubro (neste mês haveria recesso de uma semana) foram para a escolha de livros que pudessem inspirar sua criatividade para a confecção do livrinho. A turma foi dividida em grupos de cinco que optariam por temas que mais lhes atraíssem, como animais, natureza, aventuras, dentre outros. Os grupos escolheram os livros, leram juntos (uns se antecipavam e liam alto para os outros, cada grupo em uma mesa, discutiam sobre como fariam um livro (havia muita dúvida e preocupação por parte deles). É importante dizer que as crianças optaram, neste momento, por livros com textos menores. Percebemos que achavam tratar-se de um reconto o livrinho que criariam. Em função das dificuldades encontradas para a construção de um texto que se transformasse numa historinha nova, optamos por deixá-los livres, caso recorressem a um reconto. Previamente já havia sido combinado com a professora a continuidade da leitura em sala de aula, mantendo os mesmos grupos, pois sabíamos que confeccionar um livrinho, seria uma tarefa que iria requerer uma atenção bem de perto, diária. A fim de ir orientando-os mais de perto, solicitei à Coordenação Pedagógica que autorizasse minha permanência na sala de aula da turma, em um dia de outubro, fora do horário dos mesmos na biblioteca, por aproximadamente duas horas (a professora já estava a par de meu pedido). Acompanhar mais de perto a preparação dos livrinhos permitiu que eu visse algumas habilidades que eu desconhecia, por não ser a regente da turma, naquelas crianças: enquanto alguns queriam ser o desenhista do grupo, outros optaram por dobraduras, pois haviam aprendido na aula de artes e alguns, recorreram a recortes, percebemos que a preocupação era maior com os desenhos que com os textos, então deixamos três dos encontros exclusivamente para a discussão do que escreveriam como história, para completar o livro.

No nosso primeiro encontro de novembro, na biblioteca, mesmo percebendo que não teríamos tempo para terminar os livrinhos, em função do pouco tempo, havia uma satisfação geral dos meninos ao verem o resultado de seu trabalho: várias colagens e também dobraduras, desenhos, folhas coloridas escritas com a letra de alguns componentes dos grupos, tudo isto quase pronto para a montagem do livrinho e

encadernação (a escola possui a máquina de encadernar), emoções misturadas a um sentimento de frustração. Expliquei a eles que, na medida do possível, no ano seguinte, iríamos planejar um tempo para nos encontrarmos e terminar seus livros e expô-los no ano seguinte. Foi tudo organizado e guardado.



Fonte: autoria própria

Foi na segunda quinzena de novembro, no último dia de desenvolvimento da ação, quando todas as etapas propostas haviam sido cumpridas, que distribuí folhas avulsas com o título, auto avaliação (cartaz 3), para as crianças e para a professora. Expliquei a todos o que vinha a ser aquela atividade. As perguntas eram direcionadas a fim de que relatassem o que gostaram e o que não gostaram em nossa prática, mas principalmente o que acreditam que vai mudar sua vida de leitor após ter participado da mesma. Tive o cuidado de explicar-lhes que se tratava de do momento de colocarem, com suas palavras, o sentimento que tiveram a partir de tudo que fizemos nos encontros. Por que não haviam ainda sido submetidos a esta prática, a maioria, fora a professora, confundiu-se. Dei-lhes um tempo de trinta minutos para responder tudo com suas palavras da forma como se sentissem mais à vontade.

Recolhidas as auto avaliações, passamos para a fase final que era expor para a turma a coleção do “Diário de um Banana”, que havia chegado. É importante salientar que a frustração da turma pelos livrinhos inacabados, foi substituída pela euforia diante da novidade tão esperada que era a chegada dos novos livros, prometidos há cerca de seis meses. Fizemos a exposição dos títulos de Jeff Kinney, primeiramente para esta turma.



Fonte: autoria própria



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi argumentar sobre a importância do mediador de leitura e seu papel como formador de leitores nos anos iniciais de alfabetização. Assim buscou-se provocar uma reflexão acerca de como ações concretas poderiam ajudar os leitores, em formação, a descobrirem o prazer da leitura, através da literatura infantil e do uso da biblioteca. A saber:

A biblioteca escolar precisa ser percebida como um ambiente de formação de leitores e pesquisadores, e os profissionais que nela atuam devem criar em torno das ações de leitura e pesquisa um clima de liberdade e ludicidade, porém para isso esses profissionais têm a difícil tarefa de estabelecer o limite entre a permissividade e a autoridade. (SOUZA, 2009, Ps.206, 207 apud Almeida Júnio e Bortolin).

Nessas perspectivas optou-se por criar na biblioteca, um ambiente interativo e acolhedor, porém permeado de intencionalidades, com o cuidado de não serem impositivas, a fim de provocar nos leitores, o desejo pelo que estaria sendo proporcionado naquele local.

A realização deste planejamento permitiu acompanhar, de perto, uma turma de 4º ano, que tem uma professora comprometida com o desafio de fazer com que todos os alunos possam ter oportunidades iguais de se apropriarem do conhecimento e, para tal, desenvolve sua prática através de ações que têm na leitura e a escrita, seu apoio principal.

Além das contribuições da professora da turma, este projeto foi desenvolvido com embasamento em estudos de autores da educação que se dedicaram a este tema e, ao dialogar com suas ideias, percebe-se que ler, torna-se uma forte arma que auxilia no desenvolvimento da criança pois auxilia o professor na construção da reflexão, da criatividade e, conseqüentemente, da autonomia, estabelecendo, desta forma, uma relação estreita com a aprendizagem.

Evidenciou-se que é importante explorar a diversidade de temas, títulos, possibilidades, enfim toda a riqueza literária que permeia o mundo infantil, respeitando-se as limitações de cada criança, buscando despertar seu imaginário, pois assim esta terá a oportunidade de um melhor entendimento das vantagens que existem quando permite a si mesma, envolver-se no processo que lhe está sendo oportunizado.

O trabalho foi sistematizado tendo um objetivo previamente estabelecido, porém tomando-se o cuidado de não ser impositivo. Ainda que aplicado com material

selecionado, o projeto esteve sempre aberto a novas possibilidades, pois o campo trabalho foi uma escola e, por se tratar de uma instituição dinâmica, as situações estão sujeitas a serem questionadas, podendo ser modificadas, ou não. A sistematização, neste caso, foi usada como uma ferramenta importante, com o fim de limitar o campo de possibilidades que a literatura infantil traz como conteúdo e não como algo pronto a ser seguido sem críticas. O trabalho iniciou-se com títulos diversos e foi se afunilando e esta estratégia foi usada com o intuito de reforçar a necessidade de oportunizar uma literatura de conteúdos mais ricos e condizentes com a idade dos alunos em questão, o que permitiu perceber habilidades de leitura necessárias à sua formação, fato, até então, caracterizado como uma defasagem na turma pesquisada.

Esse Plano de Ação possibilitou uma melhor interação entre os alunos e as mediadoras de leitura, bibliotecária e professora que, juntos, puderam descobrir o prazer de se trabalhar uma literatura significativa, pois provocou uma reflexão acerca de nossa prática e, as situações vividas, foram permeadas de um envolvimento satisfatório gerando uma construção de novos conceitos da importância da leitura.

O trabalho foi avaliado continuamente, de forma processual e direcionado de acordo com o ritmo da turma, sempre buscando incentivar a leitura e o envolvimento na proposta. O que foi observado como mais significativo foi a mudança de postura dos alunos, na biblioteca. Tornaram-se leitores em busca do que sabiam que o acervo da biblioteca poderia oferecer-lhes. Conversavam entre si durante o empréstimo, trocando impressões e opiniões e indicando títulos aos colegas.

Eu e a professora trocávamos nossas impressões, mas os resultados obtidos com esta intervenção foram considerados individualmente, cada uma com suas expectativas. Ela, enquanto regente, adotava seus critérios, em sala, nas suas aulas de literatura e aproveitava o rendimento da turma, mediante o projeto, para criar um vínculo com sua prática, que terminava com um caráter avaliativo. Na biblioteca não adotei esta postura, o objetivo era deixar ler pela descoberta do prazer. Portanto esta proposta de trabalho mostrou que quando é feito um trabalho diferenciado de incentivo à leitura, o retorno é um leitor mais participativo.

Assim, aplicar o projeto foi muito significativo, pois a leitura é uma grande aliada na construção do conhecimento e necessária nesta fase do aprendizado infantil e, percebe-se que sem ela, os prejuízos acabam por interferir em algum momento da vida escolar das crianças. É certo que a vida atual está marcada pela informação que se processa com uma velocidade considerável em função da globalização, estando o mundo

infantil fortemente envolvido e influenciado pela presença da tecnologia que, apesar de sua inegável importância, não pode ser vista como algo que veio para substituir a relevância que tem o livro no ambiente escolar, especialmente os livros de literatura, assim procurou-se, aqui, trazer elementos que possam criar pontes que se interligam para a melhoria do aprendizado.

Espera-se que este plano, em função dos argumentos e resultados apresentados, possa ser aplicado com quaisquer crianças em formação enquanto leitores, respeitando-se as particularidades de cada uma e que os educadores que fazem parte deste processo, possam ter a mediação da leitura como um fator importante de aproximação das crianças à literatura.

## **BIBLIOGRAFIA**

BALDI, Elizabeth. Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura. São Paulo: Cortez, 1991

BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. Projeto de pesquisa: propostas metodológicas. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2000

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília:144p., 1997

JOLIBERT, J. Formando Crianças Leitoras. Tradução de B. C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

MACEDO, Neusa Dias de. Biblioteca Escolar Brasileira em debate (da memória profissional a um Fórum Virtual) – São Paulo, 2005.

MIGUEZ, Fátima. Nas Arte-Manhas do Imaginário Infantil: o Lugar da Literatura na Sala de Aula. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

ROLIM, Zalina. Livro das Crianças. Pref. Gabriel Prestes. Boston: C. F. Hammett, 1897. (Série D. Vitalina de Queiroz).

SCOZ, Beatriz, Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. 6Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de Leitura – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de (organizadora): Biblioteca Escolar e Práticas Educativas, o mediador em formação. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2009.

## ANEXOS

### 1) QUESTIONÁRIO

Observação: As respostas dadas neste questionário terão caráter sigiloso, serão divulgados apenas dados estatísticos.

LI E RECOMENDO	
NOME DO LEITOR _____	DATA ____/____/____
SALA _____	TURNO _____
TÍTULO DO LIVRO _____	
AUTOR _____	
RECOMENDO POR QUE:	
_____	
_____	
_____	
_____	
_____	

cartaz - 1

2) Cartaz “TURMINHA ESCREVA SEU LIVRO”

<p><b>“TURMINHA ESCREVA SEU LIVRO”</b></p> <p>De: 29/09 a 31/10</p> <p>A Biblioteca do Ziraldo convida você a colaborar com nosso acervo. Crie uma historinha, bem linda e, juntos, confeccionaremos um livrinho que ficará à disposição de seus colegas leitores para serem emprestados!</p>
---

cartaz - 2

3) AUTO AVALIAÇÃO

Observação: As respostas dadas neste questionário terão caráter sigiloso, serão divulgados apenas dados estatísticos.

<b>AUTO AVALIAÇÃO</b> ____/____/2014
NOME: _____
PONTUAÇÃO( DE 0 A 10): _____
GOSTEI DE PARTICIPAR DO PROJETO DA BIBLIOTECA POR QUE: _____
_____
_____
_____
_____
NÃO GOSTEI DE PARTICIPAR POR QUE
_____
_____
_____
_____
ACREDITO QUE DEPOIS DE TER PARTICIPADO VOU
_____
_____
_____
_____
_____

cartaz - 3